

ARTIGO



A relação do homem com o mundo, na construção do fenômeno de si pode ser percebida sob as mais variadas perspectivas, foi nesse rumo que tentamos caminhar quando trouxemos as diversas concepções de ser humano, percebidas desde os tempos antigos com os gregos, até os dias atuais, com uma discussão acerca da relação do homem com a ordem global que hoje o circunda.

Dentro dessas relações, o homem necessitou de regras para se organizar. Desde o jurídico, até o econômico, leis imperaram sobre sua existência. Nem sempre essas construções favoreceram esse mesmo homem, que entremeado por pensamentos ideológicos, nem sempre entendeu bem essa mutação. Assim, a ideia de pensarmos a evolução do pensamento acerca da ética no mundo ocidental é também uma maneira de perceber mais uma dimensão dessa totalidade incompleta que é a relação do homem com os outros.

A palavra ética, origina-se do radical grego *ethos* que indicaria o costume habitual em determinada classe. Nesse sentido, e a apontar na mesma direção temos a palavra moral, que originada do anterior latino *mores*, também desemboca na ideia de costume. Essa distinção, entre moral e ética e o construto histórico em relação à maneira como a ética foi percebida, desde os gregos até os dilemas atuais, nos ajudarão a perceber como o homem foi se criando e circundando o

mundo com sua lavra espiritual. Pensar a ética é entender, ou buscar entender, uma dimensão que ocupa, desde sempre, o homem, pois é nessa interação que faz brotar sua existência mesma, posto coloca-se como um ser relacional necessariamente.

Encontrar maneiras boas de convivência sempre foi um dos maiores problemas da humanidade. A ética como já se pôde observar, nasce das relações entre os seres humanos aquando da partilha do mundo. Conforme podemos reconhecer, "o mundo é um e os homens nele são muitos" (NEVES, 2008), a esta frase acresceria-se: "e diferentes". Daí o maior problema posto ao saber ético: Qual a melhor forma para uma existência boa entre esses homens diferentes na compartilha do mundo?

Várias serão as respostas a serem dadas para essa questão. No entanto, de antemão, podemos já afirmar que: "Temos o direito a sermos iguais quando a diferença nos inferioriza. Temos o direito a sermos diferentes quando a igualdade nos descaracteriza". (SANTOS, 2003, p. 56)

Esse imperativo parece acompanhar bem o momento pelo qual passamos. Há um reclame ético pela aceitação das diferenças. Mas, exacerbar a aceitação das diferenças não significa relativizar os imperativos éticos e daí correremos o risco de construirmos uma sociedade sem parâmetros de valores a serem defendidos, uma sociedade do "tudo pode"? E de outro lado: impor um estereótipo de existência não seria um grave

atentado à diversidade de manifestações humanas? A existência histórica é um elemento inato ao ser humano, portanto, se hoje não mais aceitamos os valores passados, seria errado dizer que não mais devem ser defendidos em nome de uma atualização do pensamento ético? Ou fazermos isso seria, na realidade, negar nosso passado e assim perdermos nossa identidade?

Evidente que não podemos mais pensar como ocorreu durante tempos passados em discriminações raciais e ou étnicas, escravidões, sejam elas por conta da "cor da pele" ou da maior ou menor condição financeira. Seria um retrocesso. Ora, paira sobre todos os institutos éticos e jurídicos mundiais, uma declaração que iguala à existência de todos os homens ao redor do Globo. Contudo, pergunta-se: De fato, há uma relação igualitária entre os homens? E ainda: É esta uma questão natural ou um problema ético (?), político (?), jurídico (?) ou econômico?

Temos claramente assentado que o homem vive permeado pelos valores, que no entretecer de sua história mesma, foi esculpindo. Significa dizer que a história do homem é aquilo que o mesmo forjou no presente de sua existência. Portanto, parece-nos que a defesa destes valores acaba mesmo por ser uma tentativa de sobrevivência, ora, uma vez desaparecidos os valores que caracterizem uma comunidade, aquilo que a identificava acaba por desaparecer, dando lugar a outras formas de trato com o outro... A expressão máxima da dissolução de uma comunidade seria a derrocada dos seus alicerces valorativos, de seu sentido.

Assim, mesmo sem querer tratar do fim de uma comunidade, precisamos refletir acerca da necessidade da ética dentro das relações entre os seres humanos. Se o humano tem na cultura sua morada, cabe a ele a guarda e o zelo de seus valores para que sua vida, vivida de diferentes formas, se desenvolva da forma mais tranquila, pacífica e feliz possível. E é exatamente nesse sentido que o saber ético aparece como necessário para o cometimento desses fins.

A palavra ética teve duas acepções a partir da língua grega: *éthos* e *ethos*. A primeira, de um lado, que significa o domicílio de alguém, ou o abrigo dos animais, e de outro, a maneira de ser ou os hábitos de uma pessoa; a segunda, os usos e costumes vigentes numa sociedade e também, secundariamente, os hábitos individuais.

Assim podemos já entender o relacionamento ético a se inserir dentre o ramo da filosofia prática, ou da práxis, como prefeririam os gregos. Isso significa que o agir ético, conforme ensina Aristóteles, é cuidadosamente cunhado a partir de nossas ações costumeiras do dia a dia. Se quiseres ser músico, precisa praticar música. Se tencionares ser um cidadão justo, é crível que pratique ações justas. A retidão ética é um exercício no cotidiano em que o cidadão está inserido. Práticas éticas tornam o cidadão ético, portanto.

Nesse sentido, os dois sentidos da palavra ética se fundem de acordo com o ensinamento grego de Aristóteles. A cada ação ética, o outro que a recebe estará envolvido na constituição de um agir ético comunitário. Assim, os hábitos (éticos) individuais atingem o outro e formam uma relação ética na sociedade. Vejamos que o hábito ético individual, que simboliza o primeiro significado da palavra grega, acaba por desembocar no segundo significado quando atinge um nível de costumes gerais na sociedade.

Ainda acerca da ideia de justiça, que nos indica que a mesma apenas poderia se realizar quando os partícipes reconhecessem o outro como igual, isso denota a necessidade ética para que a justiça seja realizada entre os homens na *polis*. Portanto, nunca é demais notar que uma relação justa é, antes de tudo, uma relação ética. E no mesmo sentido de reconhecimento do outro: "a dimensão ética que faz do homem o interlocutor possível do homem".